



**ATA DA REUNIÃO Nº 14 DA
CÂMARA COMUNITÁRIA DE PROMOÇÃO SOCIAL
DO CONSELHO DA CIDADE
3 de março de 2011**

1 No terceiro dia do mês de março de dois mil e onze reuniu-se a Câmara Comunitária de Promoção Social
2 do Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável, Conselho da Cidade, para a reunião número
3 treze, em caráter ordinário, na Sala de Reuniões da Fundação IPPUJ, Avenida Hermann August Lepper,
4 nº 10, no bairro Saguazu em Joinville, Santa Catarina, das oito às dez horas, conforme convocação do
5 coordenador Rogélio Paulino Luetke e do Presidente do Conselho da Cidade, Luiz Alberto de Souza, para
6 tratar da seguinte ordem do dia: a) Leitura do Edital de Convocação; b) Leitura e aprovação da ata da
7 reunião anterior; c) Conselho de Segurança – Apresentação pela senhora Sílvia de Aguiar Zavatini,
8 Presidente do Conseg Aventureiro e Jardim Iririú, e Presidente da Associação dos Conselhos de
9 Segurança, Aconseg; e) Assuntos Gerais. Na ausência do coordenador no início da reunião, foi eleita a
10 conselheira Viviani Bittencourt Marques como coordenadora interina para esta reunião. Foi dispensada a
11 leitura do edital de convocação e da ata da reunião anterior, e esta foi aprovada e assinada pelos
12 conselheiros presentes. Ato contínuo foi apresentada a convidada Sílvia de Aguiar Zavatini, acompanhada
13 pelo Tenente-Coronel Cesar Roberto Nedochetko e pela soldado Mônica Ig. Sílvia teceu comentários
14 iniciais sobre polícia comunitária, e disse que essa é uma parceria que dá certo, e em seguida passou a
15 palavra ao Tenente-Coronel Cesar, responsável pela apresentação. Este comentou que há onze anos
16 está na luta para poder ampliar a participação da comunidade na tomada de decisões, numa polícia de
17 proximidade, cidadã, ou comunitária, não importando o nome que se dê. É a comunidade e a polícia
18 trabalhando juntas para co-produzir a segurança, e encontrar a solução para seus próprios problemas, e
19 não se trata de transferir para a sociedade um dever que é da polícia. Sobre a criminalidade, Nedochetko
20 citou García Pablos de Molina: “O crime não é um tumor nem uma epidemia, senão um doloroso
21 problema interpessoal e comunitário. Uma realidade próxima, cotidiana, quase doméstica: um problema
22 ‘da’ comunidade, que nasce ‘na’ comunidade e que deve ser resolvido ‘pela’ comunidade. Um problema
23 social, em suma, com tudo que sua caracterização implica em função do seu diagnóstico e tratamento.”, e
24 disse que temos a cultura de dependência total do Poder Público. Comentou que em Joinville há quinze
25 Consegs, dos quais apenas oito funcionam; disse ainda que é muito pequena a participação da
26 comunidade. Vemos a violência como um problema só do governo, e o foco está totalmente voltado à
27 repressão. A prevenção é relegada a último plano e, citando o Coronel Carlos Alberto de Camargo, “atuar
28 só nos efeitos é secar o chão com a torneira aberta”. O sistema cai no descrédito. Comentou que existe
29 uma cifra obscura da criminalidade, que cresce porque as pessoas não denunciam mais. Para saber o
30 que realmente acontece é preciso que a polícia aproxime-se do povo, pois o que a estatística mostra é
31 sugestivo, mas o que esconde é vital. Como cada comunidade tem um tipo de problema, são várias
32 necessidades, e é difícil fazer essa leitura; por isso os Consegs são tão importantes. Disse que a omissão
33 é o pior crime, e falou sobre a questão da desterritorialização da cidade como uma possível causa da
34 criminalidade. O conselheiro Silvestre Ferreira comentou que em sua peça “Migrantes”, objeto de
35 dissertação de mestrado, uma das sub-teses é que a falta da relação de pertencimento seja geradora de
36 violência, por causa da dor da saudade. O conselheiro Lenin Peña comentou que o próprio empresariado
37 joinvilense chama trabalhadores de todo país. Nedochetko comentou que o Poder Público não tem
38 capacidade de acolhimento, e que há perda dos vínculos comunitários e dos bons valores. Nos Consegs
39 há participação da população, mas pouca, pois é difícil mobilizar pessoas na comunidade. Exemplificou
40 que o tema das drogas é recorrente e importantíssimo, mas quando são feitas palestras e reuniões sobre
41 o assunto são sempre as mesmas pessoas interessadas que comparecem, são poucos que participam.
42 Para ajudar, as pessoas podem engajar-se nos programas e atividades preventivas dos Consegs,
43 trabalhar na prevenção, reforçar o controle social informal (família, escola, igreja, comunidade), não
44 permitir que pequenos problemas se avolumem, auxiliar as organizações policiais no trabalho de
45 fiscalização e resolução de problemas, e fortalecer os laços de solidariedade na comunidade. A proposta
46 é a comunitarização das polícias, o fortalecimento da atividade investigativa (Polícia Civil), e a
47 reorganização dos Consegs, talvez juntando às Secretarias Regionais, num entrelaçamento dos projetos
48 de trabalho nas comunidades para que a comunidade saiba como se autoajudar, que é a base da defesa
49 social integral. A ideia é trabalhar para a proteção integral do cidadão. O Tenente-Coronel Cesar disse
50 que as Secretarias Regionais são um pólo referencial muito grande em Joinville. Disse que o cidadão não
51 mora na União, não reside no Estado, mas no Município, que é onde as coisas acontecem realmente.
52 Comentou que os Consegs têm dificuldade em se aproximar da comunidade, talvez porque o indivíduo



53 tenha medo de se aproximar desse tema. Explicou que os Consegs não existem para fazer o papel da
54 polícia, mas para colher as necessidades da sociedade, as prioridades, agindo como um fórum
55 permanente, identificar os focos de demanda e alavancar programas. Cesar disse ainda que as pessoas
56 em situação de risco não participam das palestras e programas gratuitos sobre drogas, por exemplo, que
57 são o pano de fundo para furtos, roubos e homicídios. O Conseg tem um trabalho imenso pela frente. Não
58 há dinheiro que pague as ações repressivas - mais policiamento, mais armas, mais cadeias; é a
59 prevenção e a recuperação que vão resolver. A coordenadora Viviani Bittencourt Marques comentou que
60 é necessário instalar um centro de tratamento em Joinville. É terrível a dependência química, e é um
61 problema de saúde pública. O conselheiro Lenin Peña ressaltou que os acidentes e a catástrofe
62 acontecem no dia a dia da população, e a solução não é aumentar armas, proibir drogas ou o uso de
63 armas, mas mudar hábitos, costumes e valores, a estrutura em si. Citou a Agenda 21 e a Carta da Terra,
64 que falam sobre isso. Disse que o Plano Diretor de Joinville também tem a solução, na teoria, mas não
65 está sendo praticado – os sete pilares quânticos (ver, pensar, sentir, saber, agir, confiar e ser) nele
66 constam, mas nada se está fazendo para por em prática esse Plano Diretor que é um dos melhores do
67 país, e talvez da América Latina. A senhora Sílvia de Aguiar Zavatini comentou que a maior importância
68 dos Consegs é a de ser conselheiro em polícia comunitária. Disse que estão se aperfeiçoando, e que em
69 suas reuniões mensais, juntamente com a Polícia Militar e a Polícia Civil, traçam objetivos e executam
70 projetos. Disse que o que pode salvar um país é a educação. Lenin Peña disse que todo tem necessidade
71 de mudança, mas devemos por em prática. Disse também que o trabalho dos Consegs deve ser cada vez
72 mais difícil, pois a televisão trabalha muito contra. Sílvia ratificou dizendo que a informação do meio-dia
73 vem regada a sangue, e isso traz insegurança. O Conseg com seus bons programas, contudo, não dá
74 audiência. Disse Sílvia que há inversão de valores, a imprensa joga muito contra, “mas a gente não
75 desiste”. Explicou que o trabalho do Conseg é totalmente voluntário, e disse que a comunidade precisa
76 aprender a se articular. O cidadão que acha que o problema de segurança pública não é com ele, cria
77 uma falsa sensação de segurança quando se fecha e coloca grades em sua casa. O conselheiro Carlos
78 Alberto Lessa parabenizou o trabalho do Conseg, e disse que o trabalho voluntário é desgastante, e
79 merece aplausos. Disse também que nossa sociedade é paternalista, e esperamos que o Poder Público
80 faça tudo por nós. Por outro lado, a sociedade também desconfia da polícia, e há um sentimento de
81 impotência e descrédito quanto aos poderes executivo, legislativo e judiciário. A questão da educação é o
82 ponto fundamental. Temos que encontrar uma forma de mobilizar a população para que haja eficácia,
83 além de eficiência. Lessa sugeriu que o tripé igreja (que tem força maior que o Estado), famílias (através
84 da igreja), e educação (através da igreja e das famílias) seja explorado na definição da melhor
85 metodologia para lidar com a questão da segurança pública. Temos que conseguir fazer com que a igreja
86 e a escola se envolvam - principalmente escolas em que as famílias e a liderança estejam comprometidas
87 e atuantes. Esse trabalho de base, voluntário, despretensioso, político mas apartidário, pode influenciar
88 positivamente. O conselheiro Eduardo Miers teceu comentários sobre polícia comunitária em pequenas
89 comunidades norte-americanas, que têm um, xerife, eleito pela comunidade que, com seus auxiliares,
90 resolvem pequenos problemas; por conviverem com o pessoal, a comunidade confia nesses xerifes, e
91 disponibilizam quaisquer recursos que sejam necessários para seu trabalho. Na opinião do conselheiro,
92 nós deveríamos seguir esse exemplo. O conselheiro Rogélio Paulino Luetke reforçou a sede da mídia em
93 mostrar o que é negativo, a criminalidade. A banalização da internet, que é um instrumento maravilhoso,
94 também vai nesse caminho. Rogélio também parabenizou pelo trabalho apresentado, e disse que o Poder
95 Público deveria fomentar mais esse trabalho dos Consegs. Quanto ao exemplo dos xerifes, Rogélio
96 pergunta como isso seria possível em uma cidade com mais de quinhentos mil habitantes. Em sua
97 opinião, para se conseguir maior participação da população seria interessante promover atividades
98 culturais integradas. A conselheira Viviani disse que há vários conselhos na cidade, que não conversam
99 entre si, e disse que é hora de unir forças, pois ações isoladas são mais frágeis do que ações conjuntas.
100 Precisamos ver o que está sendo feito e pensar de que forma podemos avançar. Há uma incoerência do
101 sistema como um todo – a polícia prende e o juiz solta, e isso num mesmo dia. Há dois pesos e duas
102 medidas. O conselheiro Lenin Peña sugeriu que a Prefeitura elabore um plano para auxiliar nas
103 mudanças de comportamento social e fortalecer o trabalho magistral que está sendo feito, para que tenha
104 menos trabalho e mais rendimento. Disse que a origem dos crimes está na formação da sociedade. Falou
105 que a saúde ambiental é o que nos leva à sensação plena de viver, e disse que o IDS, Instituto de
106 Desenvolvimento Sustentável, entidade à qual representa, está à disposição para ajudar nesse pensar,
107 que deve ser levado ao Conselho Consultivo e Deliberativo e à sociedade como um todo. O Tenente-
108 Coronel Cesar Nechochetko sugeriu que, sempre que se estiver planejando algo para a cidade, leve-se em
109 conta a questão da segurança pública, e sugeriu que alguém da polícia ostensiva seja chamado para
110 olhar o projeto em desenvolvimento e opinar quanto à segurança. Como exemplo prático, sugeriu instalar



111 duas câmaras móveis para monitoramento à distância do Morro do Boa Vista, e disse que a polícia possui
112 um sistema muito bom de monitoramento. O conselheiro Carlos Alberto perguntou por que foram retiradas
113 dos bairros as duplas de policiais, que passavam uma sensação de segurança para a população, e
114 Netochetko respondeu que o número de policiais é menor hoje do que no ano de mil novecentos e
115 noventa e nove. Além disso, há uma alta demanda para conflitos pequenos, como perturbação do
116 sossego e vandalismo. Lessa disse que a polícia na rua é fundamental. Os pequenos delitos geram os
117 grandes e, quando coibidos, a população tem mais confiança na polícia. Disse que hoje, infelizmente, a
118 sociedade tem medo da polícia. Lenin Peña comentou que há vinte anos, na Colômbia, palhaços
119 educavam a população nas ruas e terminais de ônibus, de uma forma muito inteligente e divertida.
120 Nedochoetko comentou que na Colômbia houve uma ação conjunta, o Poder Público investiu pesado, com
121 a ideia de que o pobre merece também ter equipamentos públicos de qualidade; no começo a população
122 depredava os locais, que eram logo reconstruídos, tudo num processo de evolução, num esforço de
123 educação. Sílvia Zavadini falou sobre um evento que envolveu seiscentas crianças, com alegres
124 competições e palestras sobre drogas. Rogélio comentou que a Casa Brasil trouxe inclusão digital e
125 social, e hoje há trinta oficinas gratuitas para a sociedade num espaço que havia sido abandonado por
126 uma associação de moradores. Num esforço conjunto da Fundamas e da Seinfra levaram isso para a
127 comunidade, que abraçou o projeto e ajuda a manter. Sílvia comentou que essa questão nasceu no
128 Conseg. Lenin Peña sugeriu encaminhar à imprensa um *release* sobre esta reunião. Sílvia agradeceu o
129 convite. Lessa comentou que há uma série de organismos na cidade, e cada um trabalha no seu viés;
130 falta integração entre as diversas áreas, e assim, em vez de somar, há divisão. Rogélio sugeriu que os
131 policiais adotem uma nova postura perante a sociedade, mais simpática e acolhedora, para que haja uma
132 aproximação maior e para que a população não tenha medo da polícia. Lessa disse que a polícia deve
133 ser defendida, pois é o órgão competente e legal para atuar na sociedade; contudo, está muito fria, e
134 deveria atuar mais como integradora da sociedade. Como tivemos vinte anos de repressão, isso se
135 aculturou na polícia, e é difícil de tirar. A sociedade criou esse estigma de que o policial é o dono da
136 autoridade e, portanto, tem todos os poderes sobre o cidadão, e isso é muito triste. A sociedade
137 organizada deve encontrar uma forma de fazer com que a população veja que a polícia é parceira. A
138 soldado Mônica lembrou que “dentro da farda tem um ser humano”, e cada policial age de uma forma
139 diferente. Viviani comentou que no Paraná tem ouvidoria da polícia por telefone, e aqui devem ser feitas
140 pessoalmente. Rogélio disse que é necessário trabalhar com os policiais essa dicotomia, deve-se partir do
141 pressuposto de que todos são inocentes, e não o contrário. Lenin Peña enfatizou aos conselheiros e
142 convidados presentes que não estamos discutindo apenas segurança, mas muitas leis que fazem parte
143 de um todo maior, e que somos cúmplices da construção de uma nova Joinville. Rogélio disse que os
144 Consegs têm espaço permanente na Câmara Comunitária de Promoção Social, e serão sempre bem-
145 vindos. Sílvia elogiou a soldado Mônica, que dá suporte a todos os Consegs, e disse que esse medo da
146 polícia, inculcado pelos pais, deve ser desconstruído. Lessa disse que é importante considerar as
147 características pessoais de cada policial para determinar em que tipo de ações poderá trabalhar. Temos
148 que ter um comando tranquilo. Os oficiais da polícia são muito bem formados, com bom nível cultural e
149 boa estrutura emocional. Em assuntos gerais, o conselheiro Eduardo Miers sugeriu que na próxima
150 reunião seja sobre a autoridade do professor em sala de aula, e todos concordaram. Lessa sugeriu
151 convidar alguém para falar sobre o que está acontecendo nas escolas, que seja da área pedagógica do
152 Município e do Estado. Sem mais a tratar, às dez horas foi encerrada a reunião. Eu, Patrícia Rathunde
153 Santos, Secretária Executiva do Conselho da Cidade, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo
154 coordenador, por mim e pelos conselheiros presentes. Joinville, três de março de dois mil e onze.

Viviani Bittencourt Marques
Coordenadora Interina da Câmara Comunitária
de Promoção Social do Conselho da Cidade

Patrícia Rathunde Santos
Secretária Executiva do Conselho da Cidade

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.